
MAPAS CONCEITUAIS NO ENSINO DE HISTÓRIA: UMA ESTRATÉGIA NA SALA DE AULA E UM INSTRUMENTO DE PESQUISA

Carla Karinne Santana Oliveira
Universidade federal da Paraíba
carllakarinne@gmail.com

Os mapas conceituais são instrumentos que possibilitam a organização das idéias a partir da relação significativa que estabelece entres conceitos, permitindo assim uma radiografia conceitual de determinado conhecimento. Neste trabalho, realizamos uma reflexão sobre os mapas conceituais, apresentando-os tanto como uma estratégia de ensino e aprendizagem que pode ser relevante no desenvolvimento das aulas de história, quanto como um recurso de coleta de dados que pode ser utilizado nas pesquisas em ensino de história.

Neste sentido os mapas conceituais podem auxiliar “representar um conjunto de conceitos relacionados de maneira significativa que pode auxiliar tanto no ensino, quanto na aprendizagem dos conceitos”. (cf. MARTÍN; 2004:61).

Para percebermos importância dos mapas conceituais é preciso refletir sobre um dos elementos essenciais que os constituem – os conceitos.

Conceituar, conceituação, grupos conceituais são termos que derivam de um mesmo substantivo – conceito. Mas, quais os significados e sentidos que são atribuídos a esse substantivo? Pode parecer paradoxal, a tentativa de explicar conceitualmente o termo conceito, mas se faz necessário, uma vez que é através da compreensão sobre conceitos que poderemos entender o uso de mapas conceituais.

Se procurarmos em diferentes dicionários, seja de uso comum ou escolar ou em dicionários de áreas específicas como a psicologia, a lingüística e a filosofia, diferentes definições serão apresentadas, ou mesmo se escolhermos uma única área como a filosofia, por exemplo, um idealista vai ter uma visão diferente sobre conceitos do que um empirista. Essas são algumas das dificuldades quando refletimos a natureza dos conceitos. Por isso é importante colocarmos alguns pontos desse debate para compreendermos os meandros e a complexidade do que chamamos de conceito.

Para iniciar a discussão destacamos a definição de dois dicionários. O primeiro é o Aurélio que afirma que conceito é “formulação de uma idéia por palavra”. (FERREIRA, Aurélio, 2001:181). O segundo é o Houaiss (2009) que apresenta três

definições para conceito uma de caráter geral “faculdade intelectual e cognoscitiva do ser humano; mente, espírito, pensamento, uma da lingüística “representação mental de um objeto abstrato ou concreto, que se mostra como um instrumento fundamental do pensamento em sua tarefa de identificar, descrever e classificar os diferentes elementos e aspectos da realidade” e a outra da psicologia “noção abstrata contida nas palavras de uma língua para designar as propriedades e características de uma classe de seres, objetos ou entidades abstratas”.(HOUAISS, Antônio, 2009).

Comparando as definições de Ferreira (2001) com Houaiss (2009) podemos perceber que o primeiro apresenta conceito como a definição de um termo apresentando-o de maneira simplificada. Já o Houaiss (2009) mostra a complexidade que envolve os conceitos ao apresentar as definições articuladas com a área do conhecimento que refletem sobre eles. (cf. FERREIRA, 2001, HOUAISS, 2009).

Para compreender os conceitos, é necessário perceber que é através deles que o mundo torna-se inteligível, tanto que um diálogo, uma conversa, coisas tão corriqueiras do nosso dia-a-dia, para se efetivar é necessário fazer uso deles. Para tanto, os sentidos dos conceitos devem ser compartilhados pelo emissor aquele quem fala e pelo receptor aquele que recebe a mensagem. Em outras palavras, o ato comunicativo necessita dos conceitos para se realizar e sua efetivação. (cf.MENDONÇA 1983: 16).

Para Nadir Mendonça (1983:15), conceitos são

construções lógicas, estabelecidas de acordo com um quadro de referências. Adquirem seu significado dentro do esquema de pensamento no qual são colocados (...) através de um dispositivo conceitual, procura-se representar o fenômeno ou aspectos do fenômeno que ocorrem no mundo real, uma representação resumida de um conjunto de fatos. (cf. MENDONÇA, 1983:15).

Essas reflexões de Nadir Mendonça nos ajudam a pensar sobre os conceitos, porém vale a ressalva que tal definição está relacionada à concepção que ela tem de história, sob ponto de vista do materialismo histórico. Por isso defende a idéia de que os conceitos refletem a prática, a realidade empírica.

Por outro lado, os psicólogos cognitivistas Eysenck e Keane (2007:287) dizem que “são representações mentais de classes de objetos ou outras entidades”. Para eles os conceitos são imprescindíveis na vida, pois eles nos ajudam entender o que está acontecendo ao nosso redor. (cf. EYSENCK E KEANE, 2007:287).

Um ponto de convergência entre os autores citados (Medonça, Eysenck e Keane) é a relevância dos conceitos enquanto organizadores de uma realidade, sistematiza objetos semelhantes em uma classe de palavras, senão haveria sempre a criação de novos conceitos o que tornaria a compreensão da realidade mais complexa. (cf. EYSENCK E KEANE, 2007; MENDONÇA, 1983).

Os conceitos são usados pelas pessoas tanto na compreensão de seu mundo particular, de seu trabalho, de suas atividades de lazer, seus juízos e opiniões, quanto de sistemas de conhecimento científico. Cada área possui um sistema de conceitos específicos que diferencia um campo científico do outro.

Neste sentido, Pozo (2000) faz uma discussão sobre conceitos situando-os no processo de ensino e aprendizagem como constituinte do conteúdo conceitual que se diferencia, de certa maneira, de Eysenck e Keane. Estes entendem conceitos como instrumentos que tornam o mundo inteligível, pois para Pozo (2000) há uma diferenciação entre o que pode ser chamado de dado ou fato e aquilo que denominamos de conceito. (cf. POZO, 2000).

Quando refletirmos sobre os conceitos, no processo de ensino e aprendizagem que acontece no ambiente escolar, associamos diretamente aos conteúdos escolares, uma vez que os conceitos são os eixos centrais das matérias, porém a noção de conteúdo escolar não se resume aos conceitos, na medida em que além de conteúdos conceituais há os conteúdos atitudinais e procedimentais que perpassam as diversas disciplinas de maneira transversal. (cf. COOL, 2000). É sobre os conteúdos que se organiza a discussão no próximo tópico.

2 Conceitos e conteúdos escolares

Conteúdo é aquilo que se contém em alguma coisa, ou seja, é algo que ocupa um determinado espaço. (cf. AMORA, 2004:171) Logo, conteúdo escolar, seria tudo aquilo que constituiria a escola ou o ensino e a aprendizagem escolar. Na escola é fácil perceber o quanto o termo (conteúdo) é familiar, em situações como: Já estudaram todo o conteúdo? A prova será baseada em todos os conteúdos do livro, discutidos em sala de aula, entre tantas outras expressões. Mas, finalmente, o que os teóricos dizem sobre conteúdo escolar?

A concepção ampla de conteúdo que hoje predomina baseia-se nas discussões dos psicólogos cognitivistas, quem entendem conteúdo escolar como “o conjunto de conhecimentos ou formas culturais cuja assimilação e apropriação pelos alunos e alunas é considerada essencial para o seu desenvolvimento e socialização (cf. COOL, 2000:12).

Desse modo, o conteúdo escolar constitui-se como elemento central na educação formal, que transmite os elementos culturais considerados essenciais para determinado grupo. Além disso, torna-se evidente com tal conceito que o saber apresentado na educação escolar não tem um fim em si mesmo, pois o conhecimento transmitido deve conduzir o aluno, através da apropriação dos aspectos necessários da cultura, para seu agir em sociedade. Partindo dessa idéia ampla de conteúdo, é possível tipificar os conteúdos escolares em – fatos e conceitos, procedimentos e atitudes e valores. (cf. COOL, 2000).

O primeiro tipo de conteúdo é constituído pelos fatos e os conceitos. Estes se caracterizam por serem os instrumentos intelectuais que permitem interpretar aqueles, que são os aspectos literais ou os dados brutos de uma determinada realidade. (POZO, 2000:21). O segundo tipo de conteúdo são os relacionados aos procedimentos que constitui um agir e um fazer consciente tanto dos objetivos a ser cumpridos, quanto das maneiras de alcançá-lo. (COOL; VALLS, 200:77). O terceiro tipo de conteúdo corresponde às atitudes que relaciona as formas de pensar, os aspectos afetivos e as formas de agir, articulando – os valores, as normas e os juízos como componentes fundamentais do conteúdo escolar. (SARABIA, 2000:124 – 125).

Estabelecida a tipificação dos conteúdos, é necessário perceber a inter-relação entre esses três tipos no cotidiano escolar. Em outras palavras, os conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais não devem ser abordados distintamente, e sim conjuntamente. Logo, um mesmo assunto pode ser apresentado fatos e conceitos como estimular procedimentos e atitudes. (cf. COOL, 2000).

Essa maneira de pensar os conteúdos, divididos em fatos e conceitos, procedimentos e atitudes, está em consonância com o Relatório da UNESCO sobre a educação no século XXI, que apresentou como pilares da Educação: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser.

Esta comunicação, apesar de ter o objetivo de enfatizar um dos tipos de conteúdo (conceitual), não deixa de perceber e ressaltar a importância de uma visão mais complexa sobre os conteúdos escolares, tanto a partir da concepção tríplice de Cesar Coll (2000), quanto das orientações da UNESCO de como deve ser pensado o ensino e aprendizagem na escola. (DELORS,1999). No próximo item, apresentamos o debate sobre os conceitos históricos.

3 Conceitos históricos - entre a teoria da História e o Ensino de História

O que faz determinados conceitos receberem a qualificação de históricos? Para tentar responder a tal questionamento devemos recorrer à teoria da história.

A maioria dos autores que refletem sobre a natureza da história discute conseqüentemente sobre os conceitos, apresentando de acordo com sua visão de história sua concepção sobre os conceitos históricos. Como exemplo, apresentamos 4 grandes historiadores os alemães: Jörn Rüsen(2007) e Reinhart Koselleck (2006) e os franceses Paul Veyne (1992) e Antoine Prost (2008). Cada um possui sua própria visão de história, pertencem a específicas tradições historiográficas e exprimem sua percepção sobre os conceitos históricos.

Para Jörn Rüsen os conceitos históricos

são recursos lingüísticos das sentenças históricas. É o material com que são constituídos as teorias históricas e constituem o mais importante instrumento lingüístico do historiador. Sua formação e utilização decidem se e como o pensamento científico se realiza (cf. RÜSEN, Jörn, 2007:91).

Partindo dessa definição, constatamos que o conhecimento histórico é constituído, sobretudo, por conceitos. Embora, seja consenso a máxima de que a matéria-prima do historiador sejam os conceitos, há teóricos que distinguem os fatos como dados da realidade e os conceitos como criações do historiador para interpretar esses dados. (KOSELLECK, 2006; RÜSEN, 2007; PROST, 2008).

Rüsen classifica em nomes próprios, aquilo que está nas fontes e conceitos, como criações dos historiadores para interpretar os nomes. Koselleck afirma que existem dois níveis de conceitos. O primeiro relaciona-se a linguagem da época e o segundo a linguagem criada pelo historiador Proust, por sua vez, apropria-se dessa

distinção de Koselleck e nega que o uso da linguagem da época tornaria a conhecimento histórico subjetivo. (KOSELLECK, 2006; RÜSEN, 2007; PROST, 2008).

Outra preocupação dos teóricos, quando discutem conceitos, é o anacronismo, ou seja, o uso indevido de conceitos transportados de um recorte temporal para outro sem as devidas distinções nas mudanças de sentido, pois um mesmo termo, em diferentes contextos, pode ter diferentes significados. (CF. PROST, 2008; VEYNE, 1992). Em linhas gerais, os conceitos históricos interpretam os fatos compreendidos em um determinado recorte temporal. Eles são instrumentos indispensáveis para conhecimento histórico. Além disso, permitem o ordenamento da realidade (CF. RÜSEN, 2007; PROST, 2008).

Após discussão entre os teóricos (Proust, Rüsen, Veyne e Koselec) sobre os sobre os conceitos históricos surge o questionamento fundamental: Qual o papel dos conceitos no Ensino de História? Uma resposta comum e correta seria afirmar que os conceitos constituem a matéria-prima do conhecimento histórico escolar, pois é através deles que os alunos entram contato com a especificidade da História.

No entanto, no ensino de história os alunos entram em contato com os conceitos históricos (construções do historiador), mas, sobretudo, com infinidade de conceitos do cotidiano (senso comum), das outras ciências (sociais, antropologia, psicologia) que são relevantes na compreensão do saber histórico.

Aqui, utilizamos a tipologia conceitual do pesquisador inglês em ensino de História Peter Lee (2005) que faz uma distinção entre os conceitos em meta-históricos que são aqueles medeiam o fazer do historiador como tempo, espaço, fontes e os conceitos substantivos que são os conceitos substantivos que medeiam à compreensão do mundo no tempo

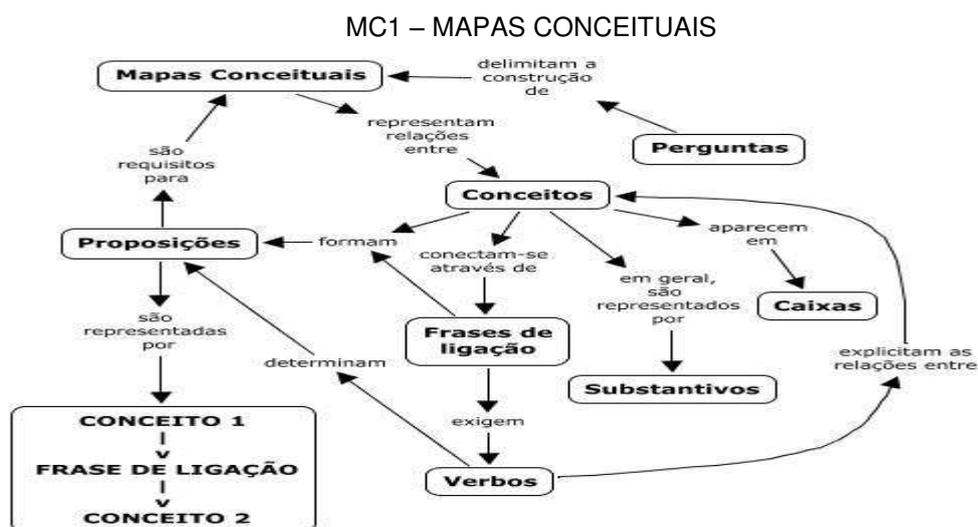
Utilizamos também a divisão de conceito em singulares e coletivos. Os conceitos singulares são características específicas e restritas que se aplicam a indivíduos ou eventos singulares conceitos coletivos que abrangem um conjunto ou classe de indivíduos ou eventos (MENDONÇA; 1983:26). No próximo tópico apresentamos exemplos de mapas conceituais mostrando como podem ser usados nas aulas de história, bem como demonstrando as formas que foram usados em pesquisas no ensino de história.

4 Mapas conceituais - caracterizações e usos

Os mapas conceituais são representações gráficas que indicam relações entre conceitos mediados por um termo constituindo uma proposição. A proposição é a unidade básica dos mapas conceituais. Eles foram elaborados pelo teórico Novak a partir da teoria da aprendizagem verbal significativa de David Ausebel. (MARTÍN, 2004).

A teoria de Ausebel permitiu a caracterização dos mapas conceituais tanto ao enfatizar a importância das novas aprendizagens a partir do desenvolvimento conceitual, quanto ao apresentar os conceitos por meio de hierarquias que vão de conceitos mais gerais a conceitos mais específicos.

Segue um mapa conceitual que representa as idéias centrais que envolvem a construção dos próprios mapas conceituais¹.



É importante a ressalva de que os mapas conceituais possuem certo grau de arbitrariedade, pois quem elabora é responsável pelas decisões sobre quais os conceitos e as relações a enfatizar, porém não diminui a importância de tal instrumento para representação de determinado conhecimento.

Existe um programa específico para construção dos mapas conceituais, denominado CmapTools². Os procedimentos básicos para construí-lo são, inicialmente,

¹ Disponível em: mapasconceituais.cap.ufrgs.br. (Acesso em 01/10/2010).

identificar uma pergunta central que simbolize o que se deseja representar, em seguida ordenar conceitos dos mais amplos aos mais restritos, e por fim estabelecer as relações entre os conceitos através de conectivos formando a proposição.

Os mapas conceituais podem ser usados no Ensino de História na exposição dos assuntos pelo professor, na sistematização do conteúdo pelos estudantes e, também, como uma maneira de avaliar os alunos compreendendo como eles organizam o assunto conceitualmente. Logo, os mapas podem ser uma importante estratégia de ensino e aprendizagem nas aulas de história ao apresentar uma sistematização do conhecimento por meio dos conceitos e proposições mais importantes.

Além de poder ser usado para facilitar o ensino e aprendizagem nas aulas de história, os mapas conceituais podem ser usados em pesquisas no ensino de história. Dois exemplos merecem ser citados quanto à utilização dos mapas conceituais como recurso metodológico. Um dos trabalhos é a tese de Regina Célia Alegro chamada Conhecimento prévio e aprendizagem significativa de conceitos históricos no ensino médio em que realiza uma comparação dos conhecimentos prévios dos alunos e o conhecimento após a discussão dos assuntos e utiliza os mapas conceituais construídos por alunos como instrumento de coleta.

Outro trabalho trata-se do projeto de pesquisa “A História ensinada: um mapeamento conceitual dos livros didáticos de história do PNLD – 2008 para os anos finais do ensino fundamental”³. A pesquisa realizou o mapeamento dos conceitos relativos à História do Tempo Presente em três coleções de livros didáticos de história com propostas curriculares diferentes – integrada, intercalada, temática e convencional.

Uma forma possível de fazer uma leitura significativa dos mapas conceituais é considerar alguns pontos centrais como a identificação dos conceitos em singular e

² É um software para autoria de Mapas Conceituais desenvolvido pelo Institute for Human Machine Cognition da University of West Florida¹, sob a supervisão do Dr. Alberto J. Cañas, e permite ao usuário construir, navegar, compartilhar e criticar modelos de conhecimento representados com Mapas Conceituais. A ferramenta possui independência de plataforma e permite aos usuários construírem colaborar de qualquer lugar na rede, internet e intranet, durante a elaboração dos Mapas Conceituais com colegas, como também, compartilhar e navegar por outros modelos distribuídos em servidores pela Internet (CABRAL, 2003).

³ Projeto realizado pelo Grupo de Pesquisa em Ensino de História, no qual participou os estudantes Carla Santana que estudou o livro de História Integrada, Ana Moura que pesquisa conteúdo conceitual em livro didático de História Convencional e outro é Max Azevedo que estuda a coleção de História Intercalada.

coletivo⁴, a observação da formação de grupos conceituais, bem como percepção sobre as hierarquizações entre conceitos e a classificação sobre as áreas da experiência humana enfatizadas neles.

Cabe mencionar a relevância dessa representação conceitual no processo de ensino e aprendizagem, bem como nas pesquisas sobre ensino de história que permitem visualizar que o diálogo entre a história a pedagogia e psicologia só tem acrescentar no desenvolvimento das atividades na sala de aula, da mesma forma que enriquece as pesquisas que se preocupam com a história escolar.

Por último, apresentamos um exemplo de mapa conceitual⁵ construído a partir de um livro didático de história para que seja possível visualizar a sistematização conceitual e riqueza de possibilidades que ele promove.

MAPA CONCEITUAL 2 (MC2)
CONFLITOS CONTEMPORÂNEOS NO ORIENTE MÉDIO

⁴ Os conceitos singulares são características específicas e restritas que se aplicam a indivíduos ou eventos singulares, conceitos coletivos que abrangem um conjunto ou classe de indivíduos ou eventos (Mendonça; 1983:26).

⁵ Retirado da monografia de Carla Santana (2009) intitulada - Conteúdos do livro didático de história integrada do PNLD 2008: um mapeamento dos conceitos relativos à história do tempo presente.

REFERÊNCIAS

ALEGRO, Regina Célia. **Conhecimento prévio e aprendizagem significativa de conceitos históricos no ensino médio.** Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2008.

CABRAL, Anderson Ricardo Yanzer. **Como criar Mapas Conceituais utilizando o CmapTools - Versão 3.x.** Guaíba:ULBRA, 2003

COLL, César (org.). **Os conteúdos na reforma: ensino e aprendizagem de conceitos, procedimentos e atitudes.** Trad. Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa.** São Paulo: Objetiva, 2009.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos.** Rio de Janeiro: Contraponto-Ed. PUC-Rio, 2006.

LEE, Peter. **Caminhar para trás em direção ao amanhã – A consciência histórica e o entender a História.** Disponível em < www.cshc.ubc.ca/viewabstract.php >. Acesso em 17. setembro de 2009.

MENDONÇA, Nadir Domingues. **O uso dos conceitos: uma questão de interdisciplinaridade.** 4 ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1994.

PROST, Antoine. **Doze lições sobre a História.** Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

RÜSEN, Jörn. **Reconstrução do passado.** (Teoria da História II: os princípios da pesquisa histórica). Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2007.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de Conceitos Históricos.** 2 ed. São Paulo: Contexto, 2008.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a História: Foucault revoluciona a História.** 2 ed. Trad. Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982, 1992. 198p.